

“Vemtimhora”: experimentação radiofônica sobre o Mercado do Ver-o-Peso, em Belém¹

Marcus PASSOS²
Alesson LAMEIRA³
Brenda da COSTA⁴
Camila COELHO⁵
Denise CORRÊA⁶
Juliana MAUÉS⁷
Raphael CASTRO⁸
Wesley dos SANTOS⁹

Netília Silva dos Anjos SEIXAS¹⁰
Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

RESUMO

A presente comunicação científica visa explicar e justificar a produção e execução do programa radiofônico “Vemtimhora”, no âmbito do Laboratório de Radiojornalismo pelos alunos de Comunicação-Jornalismo da Universidade Federal do Pará. Baseando-se em pesquisadores do rádio no Brasil, o programa trata sobre os aspectos sociais, históricos, econômicos e identitários de um dos principais pontos turísticos de Belém do Pará: o mercado do Ver-o-Peso. Usando uma linguagem simples e regional, dá-se voz às pessoas que constroem o cotidiano no mercado, configurando o programa como uma grande reportagem sobre a maior feira livre da América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Ver-o-Peso; Mercado; Radiojornalismo; Belém.

INTRODUÇÃO

O mercado do Ver-o-Peso, situado às margens da Baía do Guajará, revela-se um importante complexo de comercialização e distribuição de diversos produtos, onde trabalham diariamente cerca de cinco mil pessoas (DIEESE, s.d.). Considerado a maior feira a céu aberto da América Latina (SILVA, 2010), esse complexo tem uma forte relevância simbólica para o povo paraense, por representar um local de produção de saberes e por estar diretamente associado à fundação de Belém.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: marcuspassos26@yahoo.com.br.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: alessonluis@gmail.com.

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: brendarachit@hotmail.com.

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: coelhocamila22@gmail.com.

⁶ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: denisessaloma@gmail.com.

⁷ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: juliana.maues7@gmail.com.

⁸ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: jornalismoraphael@gmail.com.

⁹ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: analistapublic@gmail.com.

¹⁰ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: netilia@uol.com.br.

O início do mercado remonta ao final do século XVII (mesmo século da fundação de Belém, em 1616), por meio da criação de uma casa destinada a fiscalização e concessão de tributos, chamada de “Haver-O-Peso”. O posto foi uma solicitação do administrador português Francisco Coelho de Carvalho. A resposta a essa exigência veio em 1688, por meio de uma Provisão-Régia remetida pela coroa portuguesa que concedia o tributo de *ver-o-peso*¹¹. A partir daí, esse local ficou conhecido como o “lugar de ver o peso”, significado que se perpetua até os dias de hoje no linguajar dos habitantes paraenses (MAUÉS, 2014).

O espaço é palco de diversas formas de comercialização e fortalecimento de setores econômicos da região. Isso é verificado diariamente no “movimento econômico de produtos regionais, numa rede considerável de geração de renda e emprego, envolvendo desde as camadas menos favorecidas economicamente da cidade, a negócios de maior monta” (RODRIGUES; LEITÃO, 2001, p. 8). Todo esse fluxo econômico e cultural ocorre nas 1.250 barracas distribuídas nos 19 setores do complexo do Ver-o-Peso. São 1.217 trabalhadores¹² de vários departamentos contribuindo para a circulação de renda (SECRETARIA ESTADUAL DE ECONOMIA, 2009).

Os espaços da Feira do Açaí, o Mercado de Peixe, o Mercado de Carne e a Feira Livre compõem o perímetro de 35 mil metros quadrados do Ver-o-Peso. Um dos primeiros estabelecimentos a funcionar é o Mercado de Ferro ou Mercado de Peixe, construído durante o governo do intendente Antônio Lemos¹³, em 1901 (PIMENTA; FRANÇA, 2012). O lugar é composto por uma estrutura de 1.200 metros quadrados de ferro.

Ao lado esquerdo do Mercado de Ferro fica a Feira do Açaí, o segundo lugar desse perímetro principal, localizada entre o Forte do Presépio e a Praça do Relógio. Todos os dias, embarcações que transportam as sacas de açaí saem de madrugada de diversas cidades, em especial as situadas no arquipélago do Marajó¹⁴ – região rica na oferta desse fruto – e

¹¹ Consultar o levantamento preliminar do Inventário de Referências Culturais do Conjunto Ver-o-Peso – INRC Ver-o-Peso, realizado entre 2008 e 2010, na cidade de Belém, em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Pará.

¹² Dados referentes à pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Economia (SECON) da Prefeitura Municipal de Belém, em 2009.

¹³ Antônio Lemos governou o Pará durante 14 anos, sendo duas vezes senador do Estado e por cinco vezes intendente do município de Belém.

¹⁴ Segundo a Secretaria de Estado de Agricultura do Pará (2014) as regiões que mais produzem açaí são o Nordeste Paraense, o arquipélago do Marajó, a Região Metropolitana de Belém, o Baixo Amazonas, o Sudoeste e o Sudeste do Pará.

atracam em Belém antes do nascer do sol. Depois disso, começa a distribuição e comercialização, que resultará no abastecimento dos pontos de venda do açaí.

O terceiro espaço foi erguido em 1867 e chamado inicialmente de Mercado Municipal ou simplesmente Mercado de Carne. Mas, após uma reforma projetada pelo arquiteto e engenheiro paraense Francisco Bolonha, em 17 de dezembro de 1908, o local passou a ser chamado de Mercado Municipal de Carnes Francisco Bolonha (VEIGA, 2007). Com essa restauração foram acrescentados quatro pavilhões de ferro em seu interior. Veiga (2007) relata que eles tinham 20 metros de comprimento por 10 metros de largura e 4 metros de pé-direito, confeccionados pela firma *Walter Mcfarlane*, de Glasgow, na Escócia.

Como último ambiente está a Feira Livre, compreendida entre a Estação das Docas e o Mercado de Ferro, é uma área com mais de 200 barracas que vendem os mais variados produtos, como legumes, frutas, refeições, artesanatos urbanos, vestuário e ervas regionais indicadas para o tratamento de doenças.

Todos esses locais estão relacionados ao processo de formação do Ver-o-Peso e representam pontos históricos para o patrimônio cultural de Belém. Nesse sentido, o presente assunto foi escolhido por representar um local de elevada importância na história do município de Belém e de seus habitantes e por corroborar com as discussões e análises desenvolvidas no Laboratório de Radiojornalismo. Desse modo, o complexo do Ver-o-Peso, especificamente a Feira Livre, o Mercado de Carne, o Mercado de Peixe e a Feira do Açaí, contribuíram para a elaboração de um produto radiofônico.

Buscamos aplicar as etapas de desenvolvimento do formato de grande reportagem ao assunto abordado. O planejamento, a pesquisa, a estrutura, a coleta do material, a seleção das músicas, elaboração do roteiro, a gravação e a finalização foram elementos trabalhados nas aulas de Radiojornalismo, que se mostraram importante para a diferenciação desse tipo de segmento. Assim, é oportuno entender qual a concepção desse programa:

Programa que analisa um determinado assunto, seja por sua grande importância e atualidade, seja por seu interesse histórico. Pressupõe pesquisa aprofundada sobre o tema, tanto no que diz respeito às informações textuais quanto às sonoras, principalmente as entrevistas. A rigor, sua emissão deveria ser ocasional, diretamente ligada à ocorrência de um fato que mereça, por sua importância, um tratamento especial ou pela comemoração de uma data de importância histórica (ORTRIWANO, 1985, p. 92-93).

Foi baseando-se no complexo do Ver-o-Peso e nessa estrutura radiofônica que estruturamos o programa “Ventimhora”, apresentado sob outra abordagem, por meio de conceitos históricos e a situação atual vivenciada por variados personagens. Um lugar, segundo Maués (2014), que concentra a multiculturalidade e o hibridismo do povo paraense, repleto de cores, cheiros e sabores que fazem a síntese da riqueza da cultura paraense.

OBJETIVO

O programa radiofônico “Ventimhora” visa contar a história de pontos turísticos da cidade de Belém. Alguns já bastante conhecidos, outros, nem tanto, mas que fazem parte da cultura e economia da cidade. Nessa primeira edição, abordamos sobre o complexo do Ver-o-Peso, nacionalmente conhecido como a maior feira aberta da América Latina.

A principal proposta do programa “Ventimhora” é dar visibilidade à história desses espaços ao longo do desenvolvimento da região, analisando e contando aos ouvintes as particularidades da dinâmica sociocultural e econômica de cada área pautada. O intuito é construir a abordagem a partir de depoimentos dos próprios atores sociais envolvidos no fazer cotidiano dos pontos turísticos da cidade.

O programa tem duração total de 16 minutos e 52 segundos. Desenvolvido no Laboratório de Radiojornalismo, no ano de 2014, o “Ventimhora” aborda de maneira descontraída e com linguagem popular característica da região paraense, assuntos relacionados à cultura, educação, economia e outras áreas de conhecimento.

JUSTIFICATIVA

Ao escolhermos retratar o mercado do Ver-o-Peso na primeira edição do programa “Ventimhora”, tínhamos como aspectos positivos o fato desse mercado possuir uma ampla importância econômica, cultural e simbólica para os seus sujeitos sociais. Além disso, o perímetro escolhido já vivenciou diversos momentos singulares para o contexto histórico local, tais como o desembarque de negros, colonos portugueses, comerciantes de escravos e de drogas do sertão e por ter sido um dos pontos de exportação da borracha (CENTRO DE MEMÓRIA DA AMAZÔNIA, 2013).

Com isso, a nossa principal meta foi abordar uma temática cotidiana de uma maneira diferente. Buscamos fazer uma apresentação em ritmo de conversa entre dois locutores

sobre a história do mercado, relatada não apenas a partir de pesquisas, mas principalmente pelo conhecimento de pessoas que trabalham diariamente no local.

Percebemos a necessidade de (re)apresentar a cidade e seus lugares para os ouvintes, e nada melhor do que começar por um ambiente que está associado diretamente ao processo de fundação da cidade de Belém. Além do mais, esse espaço possui quatro bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),¹⁵ o Mercado de Carne, a Praça do Relógio, o Solar da Beira e o Mercado de Peixe e apresenta aspectos bem significativos para a região, como descreve Leitão e Rodrigues (2011):

O mercado do Ver-o-Peso é um imenso universo de significados, repleto de relações que ao passante ou visitante podem parecer confusas, mas quando tomado em seus próprios termos, revela sociabilidades e princípios organizativos reconhecidos por aqueles que ali trabalham e circulam (RODRIGUES; LEITÃO, 2001, p. 1).

O programa “Ventimhora” é destinado às pessoas de todas as idades, aos senhores que por algum momento se esquecem das coisas boas que nossa cidade oferta e para os jovens que escutam essas informações pela primeira vez.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Os procedimentos metodológicos adotados, como o levantamento bibliográfico dos autores e obras necessárias ao trabalho foram embasados por meio de debates em grupo de questões acerca do complexo do Ver-o-Peso, associadas a análises e reflexões sobre autores que estão no centro das discussões radiofônicas, tais como Luiz Arthur Ferraretto e Robert Mcleish, seguido de observações aplicadas pela orientadora do trabalho, a professora Netília Silva dos Anjos Seixas. Nesse sentido, optamos trabalhar com o gênero jornalístico informativo em um formato que melhor pudesse dar conta da apresentação do Ver-o-Peso aos ouvintes, por meio de entrevistas, informações e comentários dos locutores.

O primeiro direcionamento pautou-se na discussão de possíveis temas, a partir da necessidade de fazer um programa radiofônico. Ao definirmos um tema e formato, começamos o processo de pesquisa, leitura e discussão de textos relacionados a esse espaço.

¹⁵ O instrumento legal do tombamento é datado de 1977 e o classificou como um conjunto arquitetônico e paisagístico (CENTRO DE MEMÓRIA DA AMAZÔNIA, 2013).

Posteriormente, elaboramos as pautas e demos início às visitas exploratórias a campo, com a gravação de entrevistas e sons ambientes. Essas coletas resultaram na elaboração do roteiro, momento ao qual pudemos aplicar as técnicas de redação aprendidas durante o Laboratório de Radiojornalismo. Tal como a questão da simplicidade, vista como “a regra básica do texto radiofônico, preparado para um público genérico, ou seja, qualquer pessoa apta a ligar um receptor e sintonizar uma emissora” (FERRARETO, 2000, p.204). Além disso, a clareza e a concisão revelam-se elementos indispensáveis no texto de rádio.

Durante a gravação do programa, empregamos exercícios de locução e testes de apresentação entre a equipe, a fim de encontrar a linguagem mais adequada ao nosso produto. O uso da segunda pessoa do singular se insere nesse contexto, como forma de criar uma proximidade com o ouvinte e valorizar aspectos do cenário regional, marcado pelo uso do pronome pessoal “Tu”. Ou seja, “o rádio seria mais coloquial, o locutor menos “mestre” e mais “companheiro”, o clima da transmissão próximo da conversa” (LAGE, 2006, p.42).

Após essa etapa, prosseguimos com a escolha do repertório musical. Esse quesito foi selecionado com cautela, pois, segundo Mcleish (2002), o uso de músicas adequadas pode ajudar no desenvolvimento de uma análise histórica por parte do ouvinte e caracterização do ambiente. Após isso, finalizamos com a edição, audição e avaliação do programa.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O nome programa assinala uma expressão bastante usual no linguajar dos habitantes paraenses, principalmente nas periferias de Belém. A expressão representa uma espécie de convite feito às pessoas, incentivando-as a visitarem ou conhecerem determinado lugar. Nesse sentido, começamos o programa, que tem como tema o complexo do Ver-o-Peso, fazendo um convite aos ouvintes: “Vemtimhora conhecer o Pará”.

Envolto por um conjunto de ambientes históricos, esse ambiente foi construído no século XVII e vivenciou concomitantemente ao desenvolvimento de Belém, diversas transformações ao longo do tempo. Com isso, aos falarmos das repartições do complexo, como a Feira do Açaí, do Mercado de Peixe, do Mercado de Carne e da Feira Livre, tentamos evidenciar alguns desses aspectos.

O espaço da Feira do Açaí é uma representação da história e do ritmo dos belenenses. Nas mesmas águas por onde vieram os fundadores de Belém, vêm os trabalhadores que desbravam vias fluviais amazônicas, bem antes de o sol aparecer. O dia desses comerciantes começa adiantado, para garantir que tudo esteja pronto no horário certo, em compromisso com o atendimento de milhares de pessoas.

A Feira do Açaí é ponto onde se conclui o trabalho dos carregadores de açaí, que colhem o fruto das ilhas ribeirinhas, principalmente do município de Ponta de Pedras, a 44 km da capital paraense, localizado no arquipélago do Marajó.

O processo de coleta do açaí começa por volta de 23 horas da noite anterior, na propriedade que concentra em abundância os açazeiros, onde o caboclo sobe à árvore, apanha os cachos, tira os frutos negros, coloca-os em cestos – chamados de paneiros – que são empilhados e conduzidos de barco até a Feira do Açaí. O carregamento chega por volta de quatro horas da manhã.

É na feira que o dono da embarcação – o mesmo que negociou com o dono dos açazeiros e pagou o caboclo – vende as dezenas de paneiros de açaí ao comerciante, que estava à espera do barqueiro, como é conhecido o dono da embarcação. O comerciante ou balanceiro é quem passa o açaí aos donos de estabelecimentos de venda e as indústrias de açaí, de Belém. Então, finalmente o líquido pode ser comprado e consumido pelos paraenses.

Destacamos durante a narração que na feira há histórias de quem cresceu no meio dessa atividade, aprendeu o ofício com os pais e criou, ou está criando, uma nova prole com o suado dinheiro que conquista na colheita, transporte ou venda do açaí.

Um pouco dessas histórias e os detalhes das atividades que são tão importantes no cotidiano dos amazônidas paraenses foi descrito em nosso programa radiofônico. Entrevistas com trabalhadores e olhos atentos ao ritmo frenético de trabalho deles, além de algumas pesquisas, deram-nos suporte para falar dessa feira no “Ventimhora”.

Outro ponto abordado no programa foi o Mercado de Peixe, por muito tempo também conhecido como Mercado de Ferro. A estrutura metálica de influência arquitetônica francesa se destaca no cenário e é um dos mais populares cartões postais de Belém. Inaugurado ao final do século XIX, o mercado serviu, inicialmente, para comercialização de

frutas, verduras e outros produtos, até se tornar conhecido como maior ponto de venda de pescados da capital (VEIGA, 2007).

O programa descreve a rotina do mercado e de seus trabalhadores, desde o barqueiro que traz o peixe do interior do Estado, até o balanceiro, responsável pela venda. A qualidade do produto e a estrutura organizacional do local são acompanhadas pelo Sindicato dos Peixeiros de Belém, hoje sob a presidência de Fernando Ribeiro, um dos entrevistados.

Mas, no mercado, além do pescado, são vendidos outros produtos, como ervas perfumaria e artigos de vestuário. O “Vemtimhora” buscou enfatizar a relação dos trabalhadores com esse importante ambiente. Muitos trabalhadores cresceram participantes do cotidiano local, aprendendo o ofício com os pais e se mantém até hoje com o sustento obtido das vendas, possibilitando à nova geração de suas famílias, outras oportunidades.

Na sequência do programa, quando falamos do Mercado Municipal de Carne, reinaugurado em 1908 após uma reforma projetada pelo engenheiro civil Francisco Bolonha, evidenciamos que a obra foi inicialmente construída de alvenaria e, posteriormente, erguida com instalações de ferro, como relata Veiga (2007):

Trata-se de um edifício de beleza singular e extremamente representativo da arquitetura da época da borracha, sobretudo no que se refere à arquitetura de ferro. Seu exterior de alvenaria de modo algum denuncia o que se encontra no seu interior, não só pela beleza e leveza obtidas a partir das peças de ferro como também pela surpreendente plasticidade observada no conjunto (VEIGA, 2007, p. 61).

Antigamente, o Mercado Municipal era abastecido de carnes que vinham de matadouros do interior do Estado. O principal deles era o Matadouro do Maguari, que funcionava no distrito de Icoaraci. Hoje, as carnes vêm de frigoríficos situados na região metropolitana de Belém. Outra mudança ocorreu em relação ao fluxo de pessoas que frequentam o mercado. Em meados da década de 1970, o Mercado de Carne viveu seu auge. O consumo de mercadorias era bastante alto, mas com a proliferação de grandes redes de supermercados e a abertura de frigoríficos nas periferias esse consumo decresceu consideravelmente.

Esse último aspecto é narrado no programa pelo Presidente da Associação do Mercado Bolonha Francisco Gomes, que trabalha no espaço há aproximadamente 40 anos. Além disso, destacamos que durante o governo do prefeito Duciomar Costa (2005-2008 e 2009-2012), o espaço teve restauração na cobertura e nas instalações elétricas, entre 2007 e 2011.

O programa segue falando do último perímetro do complexo do Ver-o-Peso, relacionado à Feira Livre, que atualmente é responsável pela maior movimentação de capital financeiro e social. Buscamos retratar esse ambiente por meio dos registros sonoros de diferentes sujeitos que estão distribuídos pelas mais de duzentas barracas instaladas por toda a Feira Livre. Os setores mais procurados são os de comida, das ervas e do artesanato. As barracas que vendem comidas oferecem café-da-manhã, almoço e jantar e buscam representar a culinária paraense, por meio de produtos como a tapioca, o peixe-frito com açaí e tucupi.

Dentre os artesanatos vendidos está à semente do tucumã – que é parte da cultura indígena presente no Pará, e os cestos de açazeiros. O setor das ervas é o mais conhecido na Feira Livre e os produtos mais procurados são os banhos de cheiro, que, segundo a tradição indígena, podem tirar energias negativas e até curar doenças. Na fala da Tia Coló, nossa entrevistada, isso é descrito a partir de sua vivência e conhecimento sobre o assunto.

Encerramos esse tópico anunciando duas transformações relevantes. Em 1985, junto à restauração do Mercado de Carne, no governo Almir Gabriel (1995-1999 e 2000-2003), quando a Feira Livre passou pela padronização das barracas, e em 1998, quando o prefeito Edimilson Rodrigues (1996-2000 e 2001-2004), revitalizou a área com a ajuda do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio De Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado demonstrou ser, no fim do todo o processo de pesquisa, saída a campo, apuração, elaboração de roteiro, gravação, edição e pós-produção, uma grande oportunidade de aprendizagem jornalística e radiofônica, em que foi possível explorar formatos, conceitos, modos de dizer novos, que resultaram num produto final com a proposta informativa.

O programa, como a primeira edição experimental de um semanal de rádio, traz consigo a possibilidade de se descobrir não só outro fazer radiojornalístico, mas também lançar uma abordagem mais profunda sobre um famoso ponto turístico, o Ver-o-Peso. Um olhar humanístico, histórico e social, evidenciando as histórias que constroem a cultura e as raízes do nosso povo. “Ventimhora conhecer o Pará” é o convite feito pelos produtores com essa grande reportagem sobre a maior feira livre da América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELÉM. Secretaria de Estado de Agricultura. **Açaí: Quantidade produzida e o Valor da Produção na extração vegetal.** Belém, 2012. p. 1.

BELÉM. Secretaria Municipal de Economia. **Situação de Ocupação nas feiras Municipais de Belém.** 2009.

CENTRO DE MEMÓRIA DA AMAZÔNIA. O Mercado e a Cidade de Belém 2013. Disponível em: < <http://www.ufpa.br/cma/verosite/historico.html>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.

IPHAN (Brasil). **Inventário de Referências Culturais do Conjunto do Ver-o-Peso.** Belém, 2008-2010.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística.** São Paulo: Ática, 2006.

MAUÉS, Paola Haber. **O valor que o Ver-o-Peso tem.** 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica.** São Paulo: Summus, 2001.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PIMENTA, Adriene Suellen Ferreira; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro Avelino. A Educação De Mulheres Na Concepção Do Intendente Antônio Lemos Em Belém Do Pará (1900-1910). In: IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 9, 2012, João Pessoa. **Seminário.** João Pessoa: 2012, p. 22.

RODRIGUES, Carmem Izabel; LEITÃO, Wilma Marques. O Mercado do Ver-o-Peso. In: CONGRESSO LUSO AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2011, Salvador. **Congresso.** Salvador: 2011, p. 15.

SANCHES, Flavio Bouth; PAMPLONA, Heverton de Oliva; SILVA, Marlon Lima da. A feira do Ver-o-Peso: organização espacial e circuito Inferior da economia. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. **Anais.** Porto Alegre: 2010, p. 11.

S.N. Quase 5 mil pessoas trabalham no Ver-o-Peso. **Orm News,** Belém, 23 mar. 2012. Disponível em: http://www.ormnews.com.br/noticia.asp?noticia_id=583495. Acesso em: 2 abr. 2015.

VEIGA, Débora de Fátima Lima. **Os mercados de Belém: um estudo sobre a preservação da arquitetura do ferro.** 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.